

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

JEAN BEAUVIEUX — *Recherches anatomiques sur les canaux semi-circulaires des Vertébrés* — 1 vol. de 109 págs., ilustrado com 15 figuras. Bordeaux, 1934.

Nos últimos tempos, o aparelho da audição tem sido objecto de alguns importantes estudos. Citarei especialmente a obra de Bellocq <sup>(1)</sup> sôbre o temporal no Homem adulto, o atlas monumental de Pedro Bellou <sup>(2)</sup>, as observações tão minuciosas de Kenji Yamashita <sup>(3)</sup> sôbre as cavidades do temporal e a obra de Augier <sup>(4)</sup> acêrca da morfologia normal, a embriologia e as variações do temporal.

À Escola de Bordeus, onde estão tanto em honra os trabalhos acêrca da patologia e da clínica otológicas, ficamos também devendo agora um notável subsídio para o conhecimento da complicada morfologia do ouvido interno.

Foi no Laboratório de Anatomia da Faculdade de Medicina de Bordeus, sob a direcção do Prof. Villemain, que M. Jean Beauvieux preparou a sua tese de doutoramento, que sumariamente vou analisar.

Na primeira parte do seu livro, o autor estuda a morfologia dos canais semi-circulares na série dos Vertebrados.

Os canais semi-circulares foram estudados cuidadosamente em dez espécies de Peixes e o autor, depois de os observar em tôdas essas espécies, faz uma síntese da morfologia de tais órgãos.

---

(1) M. Bellocq, *L'os temporal chez l'homme adulte. Iconographie et description de l'os et de ses cavités*. Paris, 1924.

(2) Pedro Bellou, *Atlas de anatomia del organo del oido y de las regiones con él vinculadas*. Buenos Aires, 1930.

(3) Kenji Yamashita, *Die Schläfenbeinzellen (Arbeiten aus der dritten Abteilung des Anatomischen Institutes der Kaiserlichen Universität Kyoto Herausgegeben von Prof. Seigo Funakoka, Kyoto, 1932.*

(4) Augier, *Squelette céphalique (Morphogenèse morphologie, craniométrie)*, "Traité d'Anatomie humaine", de Poirier & Charpy. Tome 1, Fasc. 1, 1.<sup>re</sup> division. Paris, 1932.

naquela classe de Vertebrados, mencionando as dimensões dos canais e a sua topografia.

Adoptando o mesmo método, estudou os canais semi-circulares dos Reptís e dos Batráquios (Cobra, Tartaruga e Rã) e em seguida os das Aves (onze espécies diferentes).

Passa depois a estudar os canais semi-circulares nos Mamíferos (Gato, Cercopiteco, Gorila e, por último, no Homem).

A forma, dimensões e orientação dos canais semi-circulares e suas ampolas são estudadas no Homem com particular desenvolvimento.

Na segunda parte da sua valiosa tese, o Dr. Beauvieux interpreta os numerosos factos que observou, discute muito sensatamente a opinião de diversos autores a respeito da orientação dos canais semi-circulares no Homem e confessa estar de acôrdo com o ponto de vista de Fernando Pérez (de Buenos Aires), a quem se deve a seguinte lei: «colocando-se, em qualquer Mamífero, o canal semi-circular externo em posição horizontal, com êsse movimento dá-se ao crânio a atitude característica da espécie, isto é a atitude normal do repouso fisiológico». (*Société d'Anthropologie de Paris*, 20-IV-22). Pérez chama-lhe *Plano Vestibiano* e propõe que êle seja considerado como uma referência anatómica da linha horizontal do crânio de qualquer Mamífero.

Beauvieux estuda as relações entre o plano ampular e o plano vestibiano em tôdas as classes de Vertebrados, chegando à conclusão que o ângulo vestibio-ampular aumenta à medida que se ascende na série animal, sendo nulo nos Peixes e atingindo 55° a 88° no Homem.

Estuda igualmente o ângulo vestibio-foraminiano de Pérez (plano dos canais semi-circulares horizontais em relação com o plano do buraco occipital) concluindo que a orientação do buraco occipital muda à medida que a coluna vertebral se vai aproximando da vertical.

Como se vê, são curiosas as aplicações à Antropologia das observações de Pérez e de Beauvieux: o ângulo vestibio-ampular é maior nos braquicéfalos que nos dolicocéfalos.

A autor tira dos seus estudos numerosas conclusões de carácter anatómico, antropológico e embriológico.

A tese é valorizada com uma vasta bibliografia referente ao assunto.

PIRES DE LIMA.

J. A. PIRES DE LIMA — Luís de Freitas Viegas — Sep. do «Anuário da Faculdade de Medicina do Pôrto», vol. XV, Pôrto, 1934; *Nouveau cas de muscle présternal chez un monstre exencéphalien* — Sep. das «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. IX, 1934.

O primeiro opúsculo do ilustre professor J. Pires de Lima é o elogio do antigo presidente da nossa Sociedade, proferido na sessão de homenagem prestada à sua memória pela Faculdade de Medicina de que o professor Viegas foi um dos valores mais brilhantes. Não se trata duma oração tecida de hipéboles retóricas, mas dum elogio cheio de verdade e de imparcialidade, feito com límpida eloquência por alguém que conheceu muito de perto o saudoso professor e soube apreciar as qualidades raras de inteligência, de exposição, de saber e de austeridade que o distinguiam. São ali postos em devido relêvo os serviços prestados pelo Prof. Viegas à Antropologia criminal em Portugal.

No segundo trabalho, o sr. Prof. J. Pires de Lima descreve um caso de músculo présternal num monstro exencefaliano, do género notencéfalo. Em 15 monstros teratencéfalos dissecados pelo autor, 5 apresentavam êste músculo cuja origem o Prof. Pires de Lima explica pelo desvio dum feixe do grande peitoral e também por uma compensação em caso de redução da musculatura do pescoço.

De acôrdo com Luís de Pina, que dissecou também um exencefaliano, portador de duplo présternal, o A. entende que a percentagem diminui à medida que aumentam as séries. É de pouco mais de 40 0/0, enquanto que nos indivíduos não monstruosos, a percentagem é apenas duns 4 0/0.

MENDES CORRÊA.

ARMANDO LEÃO — *Anomalias raras dos músculos do pescoço* — Sep. da «Medicina Contemporânea», 1934.

O A., assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, descreve o caso duma mulher, morta com 67 anos de idade, e que apresentava, à dissecção, as seguintes anomalias da musculatura do pescoço: inserção bífida do ventre

posterior esquerdo do digástrico; ausência, de ambos os lados, neste, da botoeira que normalmente lhe forma o estilo-hioideu; inserção trífida do ventre anterior; presença e contacto com o ventre posterior, dum músculo muito pouco vulgar, o hio-glosso-angularis (?); fusão dos feixes clavicular e esternal do externo-cleído-mastoideu. O sr. dr. Armando Leão, apoiado nas bibliografias portuguesa e estrangeira, discorre sôbre a significação e frequência destas anomalias.

M. C.

DR. K. SALLER — *Der Einfluss der Rasse auf die Entstehung und den Ablauf von Krankheiten* — Extr. de «*Medizinisch Klinik*», n.º 9, Berlim, 1934.

O A. expõe os resultados obtidos até agora na investigação da influência das raças sôbre o aparecimento e o decurso das doenças, sendo de opinião que estes resultados ainda devem ser encarados sob certa reserva.

As doenças nervosas aparecem com muita frequência nos judeus o que alguns autores atribuem ao facto de geralmente casarem cedo, isto é, antes de qualquer tendência patológica ter aparecido, e êsses casamentos serem efectuados entre indivíduos com taras hereditárias.

As doenças dadas como adstritas a certos povos da Ásia, encontraram-se também nos povos europeus.

Mais complicadas aparecem as relações entre as raças e as doenças infecciosas, a-pesar-de na América já se ter verificado que a tuberculose ataca mais facilmente os indivíduos, segundo a raça a que pertencem, por esta ordem crescente: brancos, japoneses, negros, índios e chineses.

O A. termina por afirmar que para se caminhar em terreno firme, neste capítulo da Antropologia, se torna necessária uma colaboração íntima entre o médico e o antropologista.

A. ATHAYDE.

DR. HANS-LÜTIEN JANSSEN — *Die ältere und mittlere Bronzezeit Mecklenburgs* — Königsberg, 1934.

Depois de estudar detalhadamente os achados da idade do bronze no Mecklenburgo, o A. examina cuidadosamente a sua distribuição e a forma como são ornamentados. Dirige principalmente a sua atenção para a cerâmica, pois é de opinião que as armas de guerra e mesmo os objectos de uso pessoal podem mais facilmente conduzir a erros de interpretação.

E, depois de ponderar todos os resultados a que chegou nas suas investigações, conclue por afirmar que os introdutores da cultura da época do bronze no Meklenburgo foram os germanos.

A. A.

FRANCISCO MANUEL ALVES — *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança* — t. IX, 1 vol. de cêrca de 750 págs., Pôrto, 1934.

O infatigável estudioso que é o rev. Reitor de Baçal, director do Museu Regional de Bragança, acaba de publicar o nono volume da sua obra notável, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*.

Contém êste volume uma descrição minuciosa do Museu, notas arqueológicas sôbre muitas povoações do distrito, capítulos especiais sôbre castros, castrelos, castelos, cidades, dolmens, estradas, etnografia, forais, conventos, pelourinhos, arte rupestre, esculturas da arte chamada ibérica (como a porca de Murça), etc. Os materiais e informes reunidos são em quantidade formidável. Devemos destacar a valiosa contribuição para a carta arqueológica do distrito, o inventário dos castros, os informes etnográficos (só apodos tópicos e cancionero geográfico ocupam mais de 40 páginas do volume e as tradições relativas a feiticeiras umas 30 páginas!), a resenha de estações de arte rupestre. Sôbre estas últimas, o A., com razão, exprime dúvida sôbre o carácter pré-histórico de alguns sinais, que seriam apenas sinais de divisão de terras e alguns aditamentos modernos. Mas é enorme a quantidade de estações bem averiguadas, umas já conhecidas, outras — muitas — ainda inéditas, de que dá notícia, colhida por observação

pessoal ou por informe indirecto. Estão ali materiais preciosos para um *Corpus* da arte rupestre portuguesa e certos sinais tem impressivas afinidades com os das grafias de Alvão, de Lerilla, ou das inscrições ibéricas.

Poder-se-iam formular objecções à arrumação ou à interpretação de alguns materiais reunidos no volume, mas é tão valioso e abundante o pecúlio de notícias ali contidas e tão nobre e digno de admiração o labor desenvolvido pelo rev. Francisco Manuel Alves que se tornaria inoportuno e descabido diluir no debate de pormenores secundários o elogio devido ao seu esforço tenaz, honesto e verdadeiramente excepcional, esforço duplamente meritório — pelo seu interesse científico e pelo seu significado levantadamente nacionalista.

M. C.

E. F. GAUTIER & MAURICE REYGASSE — *Le Monument de Tin-Hinan* — « Académie des Sciences Coloniales, Annales », t. VII, Paris, 1934.

Nas margens do *ued* Abalessa, a 914 m. de altitude, na região do Ahaggar, existia um amontoado informe de pedras, que os tuaregs daquelas paragens consideravam o túmulo de Tin-Hinan — a sua avó comum.

Uma missão franco-americana em 1926 descobriu num ângulo do monumento uma câmara funerária, com um esqueleto e variado mobiliário que, como o das explorações subseqüentes, foi recolhido no Museu do Bardo, em Argel, museu cuja direcção pertence ao illustre arqueólogo Prof. Maurice Reygasse.

Como aquela câmara não era senão uma pequena parcela do monumento, a Academia das Ciências Coloniais promoveu novas explorações, sob a proficiente direcção de Reygasse. As escavações, realizadas em 1933, foram levadas até ao solo natural e abrangeram toda a área do monumento.

Verificou-se que este tinha um plano e era duma construção em pedras regulares e regularmente dispostas, sendo a aparência irregular do conjunto o resultado de desmoronamentos. Uma muralha envolvia onze câmaras, de formas diversas, e nas quais appareceu um mobiliário interessante: adornos de ouro, contas de colar em prata, calcedónia, ágata, cornalina, vidro, armas de cobre e bronze, braceletes de ouro, prata e ferro, etc. Mas os achados

mais importantes foram uma estatueta do tipo esteatopígico, em gesso (Tin-Hinan?), uma moeda de Constantino Magno e uma lucerna romana do séc. III. A ausência de vestígios do culto islâmico e aquela moeda e a lucerna, marcam respectivamente o *terminus ad quem* e o *terminus a quo* deste monumento, que é cercado por 14 monumentos funerários mais pequenos, que forneceram restos esqueléticos humanos, ao passo que no monumento central só uma câmara, a primeira explorada, deu um esqueleto.

Segundo os AA., o monumento seria não só um túmulo real, mas também um blockhaus de cerca do séc. IV da nossa era.

M. C.

NINA RODRIGUES — *Os Africanos no Brasil* — 1 vol. de 400 págs. Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1932.

Bem merece da ciência etnológica o sr. Homero Pires por ter emfim conseguido exumar das gavetas onde haviam sido sepultadas, as páginas valiosas que sobre os negros no Brasil haviam sido escritas pelo falecido professor de medicina legal da Baía, Nina Rodrigues. O livro do eminente etnólogo, psiquiatra e criminologista ficou incompleto, mas a parte que chegou a ser escrita e agora surge à publicidade, é suficientemente vasta e importante para que se verifique não só que se justifica, como até que se impunha essa publicação.

O A. estudou as procedências africanas dos negros brasileiros, as suas religiões, línguas, artes, folklore e valor social, as suas sublevações no Brasil, a sua criminalidade, etc. O presente volume apresenta precisamente interrompido o capítulo sobre esta última, mas dela se ocupara Nina Rodrigues noutros trabalhos.

Quem quer que deseje estudar os problemas étnicos e sociais no Brasil, não pode deixar de ler o livro do professor baiano, mestre duma geração distinta de médicos e escritores.

M. C.

RENATO MENDONÇA—*A influência africana no português do Brasil*—1 vol. de 138 págs., Rio de Janeiro, 1933.

Como justamente diz num lúcido prefácio o ilustre director da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, sr. Rodolfo Garcia, êste livro do sr. Renato Mendonça, professor no Colégio Pedro II, daquela capital, revela especial competência e investigação acurada da parte do seu autor e, sem pretensão a definitivo, constitue uma contribuição séria para o estudo das influências africanas no português falado no Brasil.

Pouco há feito sôbre o assunto, e, como em tempos mostrava Hipólito Raposo no seu belo livro *Ana Kalunga*, àquelas influências se devem principalmente as diferenças entre o português da Europa e o português falado na América do Sul.

Precisamente, neste mesmo n.º dos *Trabalhos*, é assinalada como merece, a publicação do livro póstumo de Nina Rodrigues *Os africanos no Brasil*, onde o problema lingüístico referido é rapidamente considerado, em confronto com os aspectos histórico, etnográfico, folklórico, religioso, etc. O livro do dr. Renato Mendonça encara mais especialmente o problema lingüístico, embora não deixe de se referir à etnologia africana, ao folklóre e à história das importações e distribuição dos elementos africanos no território brasileiro, o que era de-certo indispensável para a compreensão do grau diverso e natureza das influências lingüísticas nos vários pontos do país.

O A. analisa especialmente a acção dos falares africanos na fonética portuguesa do Brasil e apresenta um curioso vocabulário em que reúne cerca de 300 palavras de origem africana. Mais rapidamente se refere a influências morfológicas e sintácticas, que, na verdade, são menos importantes.

M. C.

ALBERTO VIEIRA BRAGA—*Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*—Sep. da «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933.

S. Tiago, o Máximo Apóstolo, foi o Grande Evangelizador da Espanha.

A extraordinária devoção por êste santo, mais avolumada pela temerosa superstição de que, quem em vida não fôsse a

Santiago de Compostela em peregrinação, lá teria de ir depois de morto, fêz com que a multidão de peregrinos desfilasse diante do sarcófago que encerra o corpo do santo, «sem parança, em longa e pegada ferrilheira de horas, dias, noites e meses». Isto foi assim um pouco desde o século XI ao séc. XVIII.

No decorrer dêste tempo, reis e rainhas de Portugal, alguns bispos e muitos fidalgos portugueses foram em romagem piedosa a Santiago e valiosas foram as ofertas deixadas ou de cá enviadas.

Alberto Vieira Braga, compulsando os 11 volumes da *História de la Santa A. M. Iglésia de S. Tiago de Compostela* por D. António Lopes Ferreira, colheu elementos múltiplos referentes a Portugal que distribue por dois capítulos do trabalho: *Templo—Materiais e Artistas portugueses; Doações, foros e ofertas; Visitantes e Peregrinos*.

Em capítulo especial analisa a tradição da estada de S. Tiago em Guimarães.

O estudo da obra de Lopes Ferreira deu ao A. o ensejo de descobrir um valioso documento para a história de Guimarães, que «nos vem dizer que, aí pelo séc. X, existiu na pequenina freguesia de Penselo uma comunidade de monjas, onde o culto a S. Tiago se iniciou, numa capela do seu nome e erguida num monte que o seu nome tem». Faz a transcrição e a análise crítica do documento em questão.

A última parte dêste valioso trabalho sôbre a influência de S. Tiago em Portugal é constituída por alguns exemplos do nosso folclóre, cantares e romanceiros que a S. Tiago se referem.

SANTOS JÚNIOR.

A. LEÃO PIMENTEL—*Manual do Colono*, III, 3.ª edição, Porto, 1934.

A publicação duma 3.ª edição dêste manual representa, no nosso restrito meio editorial, um êxito de livraria. O volume agora dado à estampa ocupa-se de construções, topografia, sondagens, explorações mineiras, preparações zoológicas, meteorologia, antropologia, caça, pesca, fotografia, etc. Encontram-se no livro inúmeras informações úteis. Poder-se-iam formular certos reparos aqui e ali, mas no conjunto é digno de louvor o esforço metucioso e paciente, desenvolvido pelo distinto oficial do exército, sendo de

recomendar aos colonos e mesmo a pessoas estranhas às colónias, a posse desta fonte prestimosa de consulta.

A pág. 288 o sr. Leão Pimentel atribue-me a recomendação de *Les negrilles du centre africain* do dr. Poutrin « como um estudo especial das medições antropológicas sôbre o vivo na raça negra ». Os negrilhos não são da chamada raça negra (ou seja do *H. afer* típico ou do bântu) mas pigmeus africanos, dos quais alguns são verdadeiras reduções de tipos nigríticos, outros de proporções corporais diversas das destes.

Ora, o trabalho de Poutrin é, como outros, recomendável como um modelo de pesquisa antropométrica, utilizável não só para os pigmeus a que se refere, como para negros e até para outras raças, pois fornece um plano de estudo e muitos elementos de comparação.

Para métodos antropométricos, porém, há trabalhos desenvolvidos como os tratados de Martin, de Saller ou de Frassetto, não falando nas instruções dos Congressos Internacionais de Antropologia e Arqueologia Prehistórica de Mónaco e de Genebra e do *Comité* antropométrico da *British Association*. Decerto, no entanto, alguns não são facilmente acessíveis a leigos e complicam-se com pormenores excessivos para este objectivo.

O capítulo do *Manual do Colono* consagrado ao assunto, está, dum modo geral, louvavelmente ao alcance dos leitores menos familiarizados com a Antropologia. Pena é que sejam demasiado escassas as noções práticas ali fornecidas para pesquisas arqueológicas e paleontológicas.

M. C.

